

O ROMANCE JUVENIL DE RUTH ROCHA:
UMA PROPOSTA DE LEITURA DE *PRA QUE SERVE?*

Ms. Luciene Batista Aranha¹
Rede Estadual de Ensino

Há livros que devem ser
saboreados, outros devorados,
e poucos mastigados e digeridos.
(Francis bacon)

Considerações iniciais

Mesmo que não haja uma definição específica do que seja romance juvenil, é comum os autores consagrados da literatura infantil também se aventurarem no universo adolescente ou juvenil, escrevendo narrativas que enfocam as questões “próprias” da idade: medos, relacionamentos, separação de pais, entre outros. Neste trabalho, observaremos a partir da leitura do livro *Pra que serve?*, de Ruth Rocha, uma das obras que fazem parte da coleção Literatura em Minha Casa, distribuída para alunos de escola pública de todo o Brasil, se há também para esse outro público a preocupação com o didatismo, conforme constatamos em algumas obras infantis da autora². Como pressuposto teórico utilizaremos o conceito de “utilitarismo às avessas” tal como descrito por Edmir Perroti, no seu livro *O texto sedutor na literatura infantil* (1986).

Entendendo-se por “utilitarismo às avessas”, a retomada, por parte de alguns autores da década de 70, do modelo tradicional que costuma usar a obra literária como veículo de transmissão de conhecimento ou valores éticos, mesmo que de maneira disfarçada pela voz do narrador.

Apresentando a autora

Ruth Machado Lousada Rocha nasceu em São Paulo em 1931. Bacharelou-se em Ciências Políticas e Sociais em 1952. Obteve a licenciatura em Ciências Sociais em 1969 e fez curso de Pós-Graduação em orientação educacional, em 1970.

¹ A autora deste trabalho é mestre em Letras pela UFPB na área de Linguagem e Ensino, na linha de pesquisa Literatura e Ensino, tendo sido orientada pelo Dr. José Hélder Pinheiro Alves. Atualmente, leciona na Rede Estadual de Ensino e no Colégio Municipal Professora Violeta Costa de Souza, em Alagoa Nova.

² Defendeu dissertação de mestrado intitulada O “utilitarismo às avessas” em obras infantis de Ruth Rocha, em janeiro de 2004, pela UFPB.

Começou a escrever em 1967, para a revista *Cláudia*, artigos sobre educação. Participou da criação da revista *Recreio*, da Editora Abril, onde teve suas primeiras histórias publicadas a partir de 1969. “*Romeu e Julieta*”, “*Meu Amigo Ventinho*”, “*Catapimba e Sua Turma*”, “*O Dono da Bola*”, “*Teresinha e Gabriela*” estão entre seus primeiros textos de ficção. Ainda na Abril, foi editora, redatora e diretora da Divisão de Infante-Juvenis.

Publicou seu primeiro livro, “*Palavras Muitas Palavras*”, em 1976, e desde então já teve mais de 130 títulos publicados, entre livros de ficção, didáticos, paradidáticos e um dicionário. As histórias de Ruth Rocha estão espalhadas pelo mundo, traduzidas em mais de 25 idiomas.

Segundo o site da autora, Monteiro Lobato foi sua grande influência. Em sua obra, essa influência se traduz no interesse por problemas sociais e políticos, na sua tendência ao humor e posições feministas.

O enredo

Marina é uma jovem inteligente que, durante um acampamento nas férias, após ouvir de seu amigo Pedro a pergunta para que servia o jacaré que ela tinha feito na aula de artes, fica perguntando para as pessoas e para si mesma para que servem as coisas. Pra que serve a arte? Pra que serve o dinheiro? Pra que serve o amor? Uma questão passa a inquietar o leitor: por que será que ela precisa saber as funções das coisas? Por que ela não tira essa pergunta da cabeça? Depois de muito questionar, a adolescente percebe que nem tudo tem uma resposta simples, que devemos aproveitar ao máximo nossas vidas, curtir todos os momentos, aprender com cada experiência e, mesmo com medo, enfrentar as mudanças e seguir em frente. São adolescentes que não se convivem, mas que curtem juntos todo o período de férias, vivenciando novas descobertas.

Ruth Rocha apresenta aos leitores um livro sensível, divertido e atual, que trata com inteligência os problemas da adolescência e as questões familiares como o divórcio e o processo de amadurecimento³. No site da Editora Salamandra há a indicação da faixa etária, a partir de 12 anos, e para as séries de 7º e 8º ano.

³ No site da Editora Salamandra há o resumo do livro *Pra que serve?* Que foi adaptado por mim. Acesso em 19 de Agosto de 2012.

Desvendando a obra

A escritora inicia a história fazendo uma série de perguntas que estão em destaque no alto da página e é interessante observar que o mesmo procedimento é repetido ao final do texto. Provavelmente a própria Ruth preocupa-se com a questão do ensinamento, do didatismo através da literatura, já que faz questão de afirmar que uma história não tem função nenhuma a não ser a de ser lida:

Pra que serve uma história?
Pra se divertir? Pra ensinar?
Pra passar mensagem, como quem passa bilhetinho
pros namorados?
Nada disso, minha gente.
UMA HISTÓRIA SERVE PRA SE LER...
(ROCHA, 2003:06)

Há alguma intenção nisso? Aparentemente nada de errado, entretanto a impressão que se tem no decorrer da leitura da narrativa é a de que a autora parece responder, através da personagem Marina, essas questões levantadas a princípio, fazendo-nos convencer de que o livro serve apenas para ler, o que não é uma conclusão equivocada, uma vez que a literatura tem compromisso com a fruição, o deleite.

No capítulo III, são várias as indagações que se desencadeiam no pensamento de Marina do tipo: “afinal pra que mesmo que serve? Não só a arte, mas todas as coisas. Pra que serve crescer e trabalhar a vida inteira, que nem meu pai e minha mãe e meu avô, coitadinho, que morreu pobrezinho que os filhos tinham de dar mesada pra ele, que a aposentadoria que ele recebia não dava pra nada?”

O livro é dividido em capítulos, num total de dezoito. Alguns deles têm títulos bem sugestivos, todos com letra em caixa alta e em negrito, como o primeiro “**DÁ A IMPRESSÃO DE QUE A HISTÓRIA VAI COMEÇAR AQUI. MAS NA VERDADE AS COISAS JÁ ESTAVAM ACONTECENDO**”, em que temos a certeza de que a autora conversa com o leitor como já havia ficado claro quando ela diz “minha gente” nas perguntas que abrem o livro.

As ilustrações são de Orlando, que utiliza traços retos em tons de preto e cinza, e a apresentação é de Heloísa Prieto que afirma que a partir de diálogos vivos, estilo rápido e

certeiro, Ruth Rocha cumpriu nessa obra o que o poeta alemão, Novalis, definia como a missão de autêntico contador de histórias: “ser o profeta do futuro”. E complementa:

Além das dúvidas, descobertas e emoções – algumas agradáveis, outras nem tanto – tecem uma experiência única, que funciona como um rito de passagem para a vida adulta.

Porém, seja qual for o caminho escolhido, ou o trajeto que a vida às vezes impõe, sempre vale usar um pouco de humor, de ternura, de talento para viver tanto o momento mais singelo como a hora mais dura.

São várias as temáticas abordadas, entre elas chama a atenção o questionamento referente ao pra que serve dinheiro no capítulo VII intitulado “**QUE FICOU SEM NOME POR FALTA DE UM NOME INTELIGENTE**” em que Luís Eulálio, um garoto metido que só usa roupa de grife e se acha o tal, é entrevistado pelos adolescentes que estavam escrevendo o jornal do acampamento que seria apresentado no último dia e no capítulo VIII “**ONDE SE DISCUTE SE DINHEIRO SERVE PRA TUDO**”. Na fala da personagem Pedro há uma crítica direta aos políticos e a corrupção:

— Eu sei, eu também gosto de coisas boas que eu não sou idiota. Mas as pessoas querem mais dinheiro, mais dinheiro, mais dinheiro. Você não vê os políticos? É só pegarem um cargo bom e já começam a nomear os parentes, a fazer grandes negócios. Mas ninguém come salada de brilhantes... Quem tem uma casa não pode morar em duas... Pode ter uma casa na praia, por exemplo, pode ter mais um automóvel, mas a impressão que dá é que tem uns por aí que querem dinheiro só pra ter dinheiro... (p.24)

Em alguns trechos, a voz do narrador se confunde com a da própria autora quando ela diz que não sabe sobre o que é o livro antes que acabe de escrevê-lo. Veja o trecho que inicia o capítulo IX:

ESTE CAPÍTULO EU NÃO SEI O QUE VAI
DISCUTIR, PORQUE EU AINDA NÃO ESCREVI. E,
AO CONTRÁRIO DO QUE AS PESSOAS PENSAM,
EU NÃO SEI SOBRE O QUE É O MEU LIVRO
ANTES QUE EU ACABE DE ESCREVER.
PORTANTO, ESTE É APENAS O... (p.27)

Apesar de afirmar que não sabe sobre o que vai falar, é nesse capítulo em que o ensinamento está mais presente especialmente porque é na fala de seu Juvenal, um professor já aposentado que voltou a trabalhar para não se sentir inútil, no momento em que ele tenta organizar um ensaio de uma peça que será apresentada no último dia do acampamento. Veja o que ele diz:

— Chega!!

Todo mundo parou de falar de repente.

— Olha aqui, minha gente, isso é um ensaio, não é a guerra do Afeganistão. Vocês sabem o que estão fazendo? Ou não sabem? É uma peça de teatro! Tanto faz quem sai e quem fica. Não é importante!

Só que Cassiano retruca dizendo que o pai dele disse que tudo tem que ser feito a sério. Então Seu Juvenal continuou:

— É – disse seu Juvenal – , mas aqui, o que vocês estão fazendo é um ensaio, não é a brincadeira das cadeiras! E mesmo que fosse! Levar a sério uma brincadeira não é ficar brigando o tempo todo! A gente não pode perder de vista os objetivos! (p.28-29)

Aspectos linguísticos recorrentes

É bastante recorrente o uso de reticências em boa parte das obras da escritora Ruth Rocha como forma de fazer com o leitor imagine a ação ou complete o pensamento da personagem num momento em que é crucial na história. Nessa obra, esse sinal de pontuação aparece com frequência, inclusive em alguns títulos como “**CHEESE...**” e “**COISAS DA IDADE**”... Observe o trecho em que foram empregadas as reticências sete vezes:

“Eu até que gostava do acampamento, antigamente; aquela folia de entrar no quarto dos meninos e amarrar as pernas dos pijamas... a caçada ao urso, que todo mundo sabia que era o Rodrigo enrolado na colcha da dona Eugênia... dava um medinho sair no escuro... todo mundo pregando susto em todo mundo... Até o conselho, que era uma invenção da dona Eugênia pra ver se descobria os problemas das pessoas... e tinha sempre um engraçadinho que gozava todo mundo... e dona Eugênia sempre achava um jeito de fazer discurso e a gente ficava se espremendo de vontade de rir... (p.7)

A autora costuma utilizar a linguagem coloquial em seus textos como forma de se aproximar do público leitor que pretende atingir. São expressões como “pra”, “minha gente” e algumas expressões próprias da linguagem do jovem “tinha um cabelo incrível”, “logo de cara” e expressões da fala como “ué”. Uma outra marca que aparece é o emprego recorrente do gerúndio que indica uma continuidade de ação, como se os questionamentos estivessem sempre persistindo.

Outro aspecto da escritora Ruth Rocha já abordado na dissertação de mestrado O “utilitarismo às avessas” em obras infantis de Ruth Rocha é o emprego frequente de provérbios. Nesta narrativa, a personagem Júlio passa todo o tempo dizendo provérbios, atitude que é interpretada pela protagonista Marina ao conversar com Mônica, como algo repetitivo que a pessoa diz por não ter ideias próprias.

— Pra me deixar de cabelo branco! Eu não tinha nada que me meter nisso. Bem dizia meu avô: “Barata viva não atravessa galinheiro”!

Marina pensou:

— Lá vem ele com os provérbios...

A Mônica, que estava perto, começou a dar corda no Júlio:

— Pois é Júlio. A coisa está difícil?

O Júlio continuou:

— É isso! Agora eu que aguente! “Ajoelhou, tem que rezar!”

Mônica e Marina saíram dali que elas estavam morrendo de vontade de rir.

— O Júlio é incrível! – comentou Marina – Ele é capaz de passar horas dizendo provérbios. Engraçado! O Júlio é moço e parece velho. Seu Juvenal é velho e parece moço. Ele tem idéias. Não fica repetindo o que os outros dizem. (p. 33)

Os clichês também aparecem na construção dessa história cheia de surpresas na qual tudo é motivo para discussões, entre elas o comportamento feminino na visão masculina: “Ah, mulher é assim mesmo. Não liga pra dinheiro, que os maridos ganham - disse o Maurício” (p.18). Já na página 21 o assunto volta na resposta dada por Luís Eulálio a Pedro sobre o que ele queria ser:

— Bom, eu pretendo mesmo é ser banqueiro. Vocês sabem, na minha família, todo filho homem é banqueiro.

Pedro não resistiu:

— E filha mulher é bancária?

Marina segurou o riso para o Luís Eulálio não perceber a gozação.

- Que que é isso? Na minha família mulher não trabalha!
— Ah, sei... na sua família mulher é vagabunda...

E por fim Ruth Rocha brinca com a linguagem através do uso da intertextualidade com a paródia de uma música de Chico Buarque “A banda”:

Estava à toa na vida,
Dona Eulália nos chamou
Pra irmos para o conselho
E então ela perguntou
Se eu gostava do colégio,
Se o meu pai chamava Zé,
Ela só não perguntou
Se eu tinha bicho-de-pé. (p.19)

A sensação que causa no leitor é uma certa cumplicidade com a escritora que fala de coisas sérias como separação e corrupção, mas de um jeito divertido, sem grandes reflexões, visto que a protagonista Marina no meio de algumas entrevistas já parece ter preocupação com outras questões.

Abordagem da obra em sala de aula

Como se trata de uma obra indicada para um público do 7º ou 8º ano, com uma faixa etária em média de 12 ou 13 anos, a possibilidade de que seja bem aceita pelos alunos é grande por tratar de temas que fazem parte de seu cotidiano, desde que o intuito do professor não seja tornar a leitura uma mera obrigação para fazer alguma atividade qualquer. Uma possível proposta seria a de sugerir a leitura da narrativa e, em seguida, a produção de resenhas críticas por parte dos alunos para que pudessem ser publicadas num mural ou jornal da escola.

Uma outra proposta seria escolher diversas obras de outros autores que estejam disponíveis na sala de leitura e que tenham temáticas semelhantes as de *Pra que serve?*, para que os leitores pudessem perceber as diferenças, para que opinassem sobre o que gostaram ou não. E seria interessante promover um debate sobre o final da história, pois a autora termina de uma maneira que sugere continuidade:

Subiu no ônibus e sentou junto do menino moreno que ela antes não conhecia. Sorriu para ele.

Pedro abriu um livro e começou a ler. (p.61)

Considerações finais

Após a análise do livro *Pra que serve?*, objeto de estudo deste trabalho, pode-se afirmar que a autora utiliza procedimentos semelhantes aos que emprega na composição de algumas de suas obras infantis como *Procurando firme* e *O rei que não sabia de nada*. Os personagens são, em sua maioria, curiosos, cheios de tenacidade e buscam resolver alguma questão que os incomoda. A princesa de *Procurando firme* queria fazer esgrima e coisas mais emocionantes do que aprender a cozinhar, bordar como deveria aprender uma princesa. E em *O rei que não sabia de nada*, o rei acaba descobrindo o que não queria quando uma garotinha muito esperta conta-lhe tudo que se passava no seu reino. O mesmo ocorre em *Pra que serve?*, já que Marina passa todo o tempo procurando um porquê para as coisas até que entende que nem tudo na vida tem que ter uma explicação lógica para que aconteça, como a separação dos seus pais, por exemplo.

Comprovar se uma obra tem preocupação estética ou utilitária não é uma tarefa fácil, visto que é comum o autor disfarçar que o objetivo de determinada obra é fazer com que o leitor aprenda alguma coisa. Muitas vezes, porém, quem trai o escritor é a linguagem que ele emprega. Na obra em estudo não se percebe claramente o utilitarismo como ocorre em *Marcelo, Marmelo, Martelo* em que o ensinamento se confirma pelo uso do advérbio de tempo **agora** na voz do narrador no momento em que anuncia que a família de Marcelo mudou. Nesta narrativa, o menino Marcelo quer saber por que as coisas têm determinado nome, inventa uma linguagem que só ele entende e acaba “pagando caro” por isso, pois quando a casinha do seu cachorro pegou fogo ninguém conseguiu entender o que ele estava querendo dizer.

Referências

ARANHA, Luciene Batista Aranha. *O “utilitarismo às avessas” em obras infantis de Ruth Rocha*. João Pessoa: UFPB, 2004.

PERROTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PINHEIRO, Hélder (org). *Pesquisa em literatura*. 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

ROCHA, Ruth. *Pra que serve?* 3. ed. São Paulo: Editora Salamandra, 2003. (Coleção Literatura em Minha Casa).

<http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historiadaruth.htm>. Acesso em 19 de agosto de 2012.

<http://salamandra.com>. Acesso em 19 de agosto de 2012.